

MÉTODOS DIFERENTES DE ENSINO SE MISTURAM

Maioria das escolas se diz construtivista. Mas é difícil encontrar uma que siga exclusivamente essa proposta pedagógica

Claudia Bernal
Especial para o Correio

Dúvida na hora de escolher a escola do filho: tradicional ou construtivista? Naturalista ou montessoriana? Nomes que assustam os pais preocupados com a educação que querem apenas a melhor escola para seu filho.

O melhor a fazer nessas horas é conversar com diferentes pedagogos e descobrir a escola que mais se encaixa ao tipo de educação que você,

pai e mãe, desejam para seu filho.

A linha tradicional é a escola centrada no professor. A avaliação serve, principalmente, para medir a quantidade de informação aprendida pelo aluno. Carteiras enfileiradas, mestre no centro da sala e dever de casa. Horários rígidos, exercícios padronizados e pouca atenção individualizada.

Mesmo que a maneira tradicional de educar ainda ocupe espaço em algumas escolas, aos poucos propostas modernas de ensino estão sendo implantadas nas salas de au-

la. E quase todas se dizem ou se guem a "linha construtivista".

"Há cinquenta anos a sociedade queria operários. Agora precisamos de pessoas criativas e capazes de pensar", justifica o doutor em Educação Vasco Moretto, que defende o construtivismo — perspectiva didática que influencia o currículo até mesmo das escolas com perfil mais tradicional.

Em uma aula de História num colégio tradicional, o professor entra em sala, manda os alunos abrirem o livro. Léem, discutem a matéria e fa-

zem exercícios. Pelo construtivismo, o professor teria que, antes mesmo de ensinar a nova matéria, envolver o aluno com leituras de jornais (para relacionar os fatos antigos com os atuais) e incentivá-lo a pesquisar o assunto. Só então daria início à sua explicação sobre a matéria.

Esta linha foi desenvolvida pelo biólogo Jean Piaget (1896-1980), convicto de que o indivíduo não deve ser visto como mero assimilador de verdades, mas como cidadão crítico e opinativo, que não se contenta com um profes-

sor que apenas comanda a turma.

Atualmente vem acontecendo a fusão do construtivismo com outros métodos pedagógicos, entre eles o natural e o montessoriano. É difícil encontrar algum colégio que siga exclusivamente uma proposta, mesmo que pregue mais conteúdos de um tipo. Sem conflitos, há espaço para um pouco de cada método num mesmo colégio, em busca do mesmo objetivo: formar cidadãos críticos.

O importante é analisar bem a melhor proposta pedagógica para seu fi-

lho. "Meu filho estuda em colégio religioso porque acredito que a educação seja mais rígida, da maneira que sempre tive. Só acho que matérias como computação já são indispensáveis em qualquer escola", opina Clara Teixeira, mãe de Marco, 14 anos, estudante do Colégio Adventista.

Modernas ou não, há pontos positivos e negativos a serem observados em todas as linhas pedagógicas. Veja a seguir exemplos de cinco métodos educacionais distintos. E faça a sua escolha.



As linhas educacionais variam da tradicional à tendência naturalista. Pais e mães devem descobrir que tipo de escola se adapta melhor a seu filho

AULAS EM MOVIMENTO

O Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (Indi Bibia) é um dos colégios de Brasília que segue a linha natural de educação. Nesse método, os trabalhos escolares são feitos com sub-grupos de alunos. Há também a liberdade de escolha do que cada grupo quer estudar no momento. Se uma turma está lendo, a outra pode estar brincando com massinha. A professora se movimenta pela sala auxiliando as crianças.

Uma novidade da proposta natural de ensino é que os estudantes têm cada aula em uma sala diferente. Como explica Júlia Passarinho, diretora da escola, os alunos precisam estar constantemente em movimento, ao invés de assistir a todas as classes num mesmo ambiente, o que acaba se tornando massante.

"Começamos há 20 anos com essa metodologia, que, a princípio, até assustava os pais", comenta a diretora, em sua sala com portas de vidro que oferece uma visão total do pátio da escola.

Se a princípio alguns pais se assustavam, hoje não economizam elogios à esta prática moderna de ensino, inspirada nos trabalhos da década de 40 da educadora brasileira Maria de Lourdes Pereira e da psicóloga Heloisa Marinho. "Meus três filhos têm uma satisfação enorme de ir ao colégio", assegura a secretária Martha Vilela, referindo-se à Fábio, 15 anos, que está na oitava série e aos gêmeos Julian e Beatriz, 12 anos, 5ª série.



Sala de aula diferente: crianças caminham na elipse de uma escola montessoriana



Nas aulas do Indi Bibia, cada aluno escolhe o que quer fazer



Nas aulas do Inei, a criança aprende de acordo com seu ritmo



Alunos da Escola Logosófica aprendem a dividir as brincadeiras

TRADICIONAL EM TRANSIÇÃO

O Centro Educacional Maria Auxiliadora (Cema), é um dos colégios de Brasília que mistura, em sua linha tradicional, novas tendências pedagógicas. "Somos ecléticos, estamos em transição. Não podemos sair por aí aplicando qualquer método novo que surge", explica Maria do Carmo, vice-diretora de educação infantil à 4ª série. "É a educação dessas crianças que está em jogo", justifica.

Apesar de haver críticas de pedagogos ao ensino tradicional, os pais se sentem seguros ao matricular seus filhos em escolas do tipo. "Não tenho nada contra os métodos modernos de ensino, só acho que os colégios a que confiamos nossas crianças devem ser de acordo com o que pensam os pais", constata a dona-de-casa Cristiane Lira, 31 anos, que também recebeu educação religiosa na infância.

Educadores do Cema afirmam que a postura simplesmente tradicional está sendo deixada de lado. Para o próximo ano, trabalhos cooperativos vão começar a ser implantados nas classes. Os alunos farão atividades em grupo, como na perspectiva construtivista de ensino.

APRENDER COM AUTOCONHECIMENTO

Há dois anos, a nutricionista Carla Sarmento matriculou seu filho Bruno, de três anos, na Escola Logosófica Gonzalez Pecotche, indicada por amigos que diziam que a proposta de ensino era interessante. Trata-se de uma ciência que diz levar o homem ao conhecimento de si mesmo. E é isso que o colégio prega: intercalar lições de valores éticos entre suas aulas convencionais.

de haver grupos trabalhando.

A fonoaudióloga Zenilda Almeida escolheu a escola para matricular seu filho Matheus, de seis anos, depois de visitar vários colégios e conhecer diversas propostas pedagógicas. Optou pela montessoriana por privilegiar o trabalho fonético com a criança. "Desde pequeninhos, o professor trabalha o fonema, ao invés de ensinar sómente vogais e consoantes. Ainda presta atenção em desvios fonoaudiológicos que a criança possa ter", argumenta.

"De fato acredito que a maneira deles de ensinar é válida. Desde pequenas, as crianças aprendem a eliminar o pensamento negativo", conta. Como nas aulas de operações matemáticas, quando os alunos, enquanto aprendem a somar e dividir, recebem orientações da professora sobre como é importante "dividir" a brincadeira com os colegas. Assim, acreditam os professores, estão formando o caráter da criança.

A logosofia em si não é uma proposta pedagógica. Segundo Maria Helena Abreu, diretora da escola, várias correntes são aplicadas nas classes. "Aproveitamos tudo o que é positivo no campo educacional. Temos aqui um pouco do construtivismo, assim como do método montessoriano e naturalista", descreve.

O FIM DO DECOREBA

A proposta construtivista de trabalho trouxe uma nova perspectiva na relação professor-aluno. O conhecimento deve ser dado através de um processo que respeita o ritmo de cada um. A escola deve acompanhar a curiosidade da criança, propondo atividades com temas que a interessem naquele momento, sem se prender a um currículo rígido.

O Instituto de Educação Integral (Inei) busca alguns aspectos da proposta construtivista em suas aulas. Na prática, um exemplo simples é propor ao aluno o que quer fazer naquele momento. Desenhar? Brincar com massinha?

Para os maiores, nada de decoreba. A própria tabela periódica de Química, conhecida por ser decorada pelos estudantes através de mû-

sicas que rimam seus elementos, já vem impressa nas provas. Dessa maneira, o professor acredita que o aluno é incentivado a raciocinar, ao invés de perder tempo decorando fórmulas.

"Aqui não tem mesmo esse negócio de decorar, você tem é que aprender a matéria", conclui o menino Clebson Cardoso em meio à aula de computação na própria escola. Aprender, segundo ele, é entender o raciocínio do que o professor explica, muitas vezes com base no próprio meio ambiente.

SALA DE AULA DIFERENTE

Até a sala de aula é diferente no método montessoriano, elaborado pela argentina Maria Montessori (1870-1952). No lugar de carteiras, uma elipse desenhada no chão. É onde as crianças sentam (a professora consegue ter uma visão geral de todas, ao contrário do que acontece com as tradicionais carteiras enfileiradas), além de servir para trabalhos de coor-

denação motora, como andar sobre a linha.

"O professor convida o aluno a escolher o trabalho, o material e a área de estudo", explica a coordenadora pedagógica da Escola Moderna Maria Montessori, onde em Brasília se utiliza exclusivamente este método.

De acordo com o professor Vasco Moretto, o método montessoriano privilegia a responsabilidade individual de cada criança. As aulas são voltadas para atividades pessoais, sem, no entanto, deixar